RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)
autor(a), o texto completo
desta tese será
disponibilizado somente
a partir de 06/09/2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Eduardo Coleone

CRÍTICA DA RAZÃO LOGRATÓRIA: DA MALANDRAGEM À VELHACARIA

São José do Rio Preto
2018

Eduardo Coleone

CRÍTICA DA RAZÃO LOGRATÓRIA: DA MALANDRAGEM À VELHACARIA

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CNPq – Processo140889/2014-0

Orientador: Prof. Dr. Márcio Scheel

São José do Rio Preto
2018

Coleone, Eduardo.
Crítica da razão logratória : da malandragem à velhacaria / Eduardo Coleone. -- São José do Rio Preto, 2018
192 f.

Orientador: Márcio Scheel
Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. Literatura brasileira - Séc. XIX-XX - História e crítica. 2. Literatura e sociedade. 3. Características nacionais brasileiras na literatura. 4. Ladinos e vagabundos na literatura. 5. Marginalidade social na literatura. 6. Cultura na literatura. I. Título.

CDU – B869.09

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Eduardo Coleone

CRÍTICA DA RAZÃO LOGRATÓRIA: DA MALANDRAGEM À VELHACARIA

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CNPq – Processo140889/2014-0

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Márcio Scheel
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto/SP
Orientador

Prof. Dr. Edison Bariani Júnior
FACITA/SP – IMES/SP – FASAR/SP

Prof. Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos
UNESP – Câmpus de Assis/SP

Prof. Dr. Arnaldo Franco Júnior
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto/SP

Prof. Dr. Alvaro Luiz Hattnher
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto/SP

São José do Rio Preto
06 de setembro de 2018

Se você julgar este um bom trabalho, eu o dedico à Adriana Ibrahim Coleone, à Aila Ibrahim Coleone e ao Márcio Scheel.
Se não, não.

AGRADECIMENTOS

À Adriana Ibrahim Coleone: sem ela, nada fez ou faz o menor sentido.

À Aila Ibrahim Coleone, meu novo pedacinho de sentido.

Ao meu grande amigo Márcio Scheel, fundamental.

Ao meu orientador, por ser o meu grande amigo.

Ao amigo Edison Bariani Júnior, uma enciclopédia ambulante de sociologia e literatura, sempre generosamente disposto a colaborar.

Aos docentes da banca, pela cessão de seu tempo e vasto conhecimento.

Aos meus pais, sogros, demais familiares e amigos que, a seus modos, tentaram tornar mais leve as assíduas atribulações ao longo destes quatro anos surreais.

Ao Ibilce, pelo suporte.

À CNPq, pelo suporte.

NAVEGAÇÃO DE LONGO CURSO

A vida é uma fiadora triste
a tecer uma mortalha
certa de que engana ao tempo
enquanto é devorada por ele.
O tempo é pródigo apenas em enganos.
A vida também é uma tarde de maio
que ignoramos passar, presos
em elevadores claustrofóbicos
e salas sem qualquer metafísica.
O horário comercial ignora a filosofia.
A vida, se não me deixo enganar,
é um dia perdido entre bancários
e angústias que não se importam
se faz sol e que não vivamos
mais do que uns setenta anos, vá lá,
isso a depender dos cigarros, do álcool,
de um ou outro automóvel a sonhar
com distraídos atropelamentos.
A vida, às vezes, leva a vida inteira
a aprender a atravessar a rua,
sempre do lado errado de onde queria estar.
Penélope nostálgica de navios que tardam
a voltar e que, se calhar, não voltam,
porque foram feitos para os desvios
inesperados e os acidentes de percurso,
alheia às pequenas catástrofes
que dão relevo ao mar.

F.H. Becker In: *Da mesma substância das nuvens*.

RESUMO

Começando por Leonardinho-Pataca em *Memórias de um Sargento de Milícias*(1854), de Manuel Antônio de Almeida, até chegarmos a Ricardo de Mello, de *Tanto Faz*(1981) *e Abacaxi* (1985), romances escritos por Reinaldo Moraes, são quase 150 anos de uma figura tipicamente brasileira flanando pela literatura nacional, passando pelo índio Macunaíma, de Mário de Andrade, por Geraldo Viramundo, de Fernando Sabino, pelo deputado federal Paulo Santos, de Mário Palmério, pelo próprio Brás Cubas, de Machado de Assis, entre muitos outros, com importantes traços da tradição picaresca somados ao problema da brasilidade e a outros elementos que tornaram o malandro brasileiro um tipo peculiar. A esperteza e a sagacidade são algumas das características mais marcantes do malandro, que normalmente renega o trabalho, a ordem estabelecida e procura viver aproveitando-se de oportunidades e circunstâncias que facilitem de alguma maneira a sua tortuosa trajetória.Em seu ensaio "Dialética da Malandragem" *(1970)*, Antonio Candido enumera semelhanças e diferenças entre este malandro que encontramos na literatura nacional, especialmente em *Memórias de um Sargento de Milícias,* em relação ao pícaro, que surge em obras como *La vida de Lazarillo, de Tormes* (1554) e *Vida y hechos, de Estebanillo González* (1645). Candido não filia o primeiro ao segundo, mas elenca características que podem aproximar o malandro brasileiro do pícaro, como a origem humilde e a itinerância, por exemplo. Aqui analisamos a figura do malandro, de Manuel Antônio de Almeida, até seus desdobramentos, transformações e ampliações para além da figura clássica, chegando ao contemporâneo protagonista de Reinaldo Moraes, levando em consideração a própria história e natureza da forma romanesca, para, então, nos debruçarmos numa reflexão que permita compreender de que modo essa manifestação particular do romance pode ser útil para pensarmos não só a relação entre literatura e sociedade, considerada em função de determinado aspecto da cultura nacional, mas, sobretudo, como certos romances concebem personagens cínicas, aproveitadoras, arrivistas, egoístas e até mesmo corruptas que, escondidas sob a dissimulação do humor, confundem-se, muitas vezes, com a própria figura do malandro. A partir do tipo malandro genuinamente brasileiro, que começa em Leonardinho, passamos por essa figura da literatura nacional através dos tempos, até chegarmos a um novo tipo que surge e que pode ser representado por Brás Cubas, por exemplo, um sujeito que não é marcado pelo conflito entre status e circunstâncias sociais ou posição de classe e adversidade. Do ponto de vista da condição social, essas personagens caracterizam-se por práticas e formas de agir que contrariam valores éticos e morais, que deveriam fundamentar os comportamentos e as práticas sociais. São personagens que manipulam esses mesmos valores, de forma consciente, em nome do privilégio de classe, da influência social e principalmente do benefício próprio, passando da malandragem à velhacaria, como é o caso de Ricardo de Mello, narrador e protagonista dos romances *Tanto Faz* e *Abacaxi*, figuras que trazem à literatura nacional o tipo dos privilégios, prerrogativas e favorecimento social, valendo-se da finta, do jeitinho e da malandragem como instrumentos para a obtenção de vantagens particulares, os denominados "velhacos".

Palavras–chave: Malandro. Velhaco. Malandragem. Velhacaria. Jeitinho.

ABSTRACT

For almost 150 years, a typicallyBraziliancharacterhassaunteredournationalliterature, fromLeonardinho-Pataca in Manuel Antonio de Almeida's*Memórias de um Sargento de Milícias*(1854) to Ricardo de Mello, in Reinaldo Moraes' novels*Tanto Faz* (1981) and*Abacaxi* (1985). Otherexamples include, amongothers, Mario de Andrade'sIndian Macunaíma, Fernando Sabino's Geraldo Viramundo, Mauro Palmério's federal Congressman Paulo Santos, and Machado de Assis' Brás Cubas. This Brazilian rogue (the "malandro") is peculiar because he embodies important features of the picaresque tradition and also the problem of Brazilianness, among other aspects. Cunningness and sagaciousness are some of the most remarkable traits of the "malandro", who often eschews work, the established order, and is always trying to use the circumstances and opportunities to his own advantage, in an attempt to make his tortuous trajectory easier. In his essay "Dialética da Malandragem" (1970), Antonio Candido lists the similarities and differences between this "malandro" in our national literature, mainly in *Memórias de um Sargento de Milícias*, and the "pícaro" in *La vida de Lazarillo, de Tormes*(1554) and *Vida y hechos, de Estebanillo González* (1645). Despite not linking the "malandro" to the "pícaro", Candido highlights common traits between them, such as their poor origin and their rambling. Here we examine Manuel Antonio de Almeida's "malandro", how it expands beyond that classical figure and culminates in Reinaldo Moraes' contemporary protagonist. To do that, we take into consideration the history and nature of the novel as form to try and understand how this specific type of novel can help us think about the relationship between literature and society, considered in function of a given aspect of national culture. But, above all, we bear in mind how certain novels conceive of spongers and social climbers, selfish, cynical and even corrupt characters who, under the mask of humour, pass off, many times, as the "malandro" himself. From the genuinely Brazilian "malandro" inaugurated by Leonardinho we look into this character in national literature through the ages until we arrive at a new type that is born with and can be represented by BrásCubas, for example, one who is not marked by the conflict between status and social circumstances or class position and adversity. From the point of view of the social condition, these characters are identified by attitudes and actions that contradict the ethical and moral values which are the blueprint for social behaviour and practices. They consciously manipulate these values in the name of class privilegie, social influence and mainly for their own benefit, going from "malandragem" to rogueness, such as is the case of Ricardo de Mello, the narrator and protagonist of the novels *TantoFaz*and *Abacaxi*. They are the so-called "velhacos" (rogues) who inscribe in our national literature these types of privileges, prerogatives and social favouring by obtaining personal advantages through wiliness and the sorts of Brazilian trickery and rogueness known as "jeitinho" and "malandragem".

Keywords: Malandro. Rogue. Malandragem. Rogueness. Jeitinho.

Sumário

INTRODUÇÃO
Apresentação geral do problema: razão logratória, malandragem e velhacaria.....10
Percurso metodológico: em busca de uma nova tipologia.....14

CAPÍTULO 1
DA DIALÉTICA DA MALANDRAGEM AO EXERCÍCIO DA VELHACARIA.....22
1.1. Anunciando o problema: breve percurso metodológico.....22
1.2. O malandro caracterizado.....25

CAPÍTULO 2
O OUTRO LADO DA PISADELA E DO BELISCÃO DE INAUGURAÇÃO: NASCE A RAZÃO LOGRATÓRIA E SEU PRIMEIRO MALANDRO.....36
2.1. O malandro entre homens pobres e livres.....36
2.2. Leonardinho-Pataca, o malandro prototípico.....41
2.3. Um malandro entre malandros.....49

CAPÍTULO 3
BRÁS-CUBAS: NASCE – COM UM DEFUNTO – O VELHACO DO LOGRO INSTRUMENTAL.....70
3.1. A má consciência de classe.....70
3.2. Infância e juventude: prenúncio de uma vida em berço esplêndido 79
3.3. O episódio definidor do logro instrumental e entre vicissitudes e deliberações.....83

CAPÍTULO 4
VILA DOS CONFINS, DE MÁRIO PALMÉRIO: UM TRISTE E CONHECIDO DESDOBRAMENTO DO VELHACO.....94
4.1. A velhacaria política.....94
4.2. A mentira como substrato da política.....104
4.3. O velhaco político como superpessoa.....112

CAPÍTULO 5
RICARDINHO DE MELLO, DE REINALDO MORAES: A NARRATIVA DO ADIAMENTO OU UM VELHACO NAS HOSTES DA BUROCRACIA DE ESTADO.....124
5.1. De volta à tradição machadiana: a farsa se repete como farsa 124
5.2. Um velhaco brasileiro em Paris.....130
5.3. As semelhanças enganam 137

EXCURSO I
MACUNAÍMA, O MALANDRO NAS ORIGENS DA MODERNIDADE NACIONAL.....148
Uma modernidade não tão moderna assim.....148

EXCURSO II
AS AVENTURAS E DESVENTURAS DO GRANDE MENTECÁPTO – GERALDO VIRAMUNDO.....165
A picaresca redescoberta.....165
Um herói entre o malandro e o quixote.....169

CONCLUSÕES.....176

REFERÊNCIAS.....189

INTRODUÇÃO

Apresentação geral do problema: razão logratória, malandragem e velhacaria

A literatura brasileira, ao longo de sua já respeitável e relativamente longa trajetória, segue erigindo características particulares e forjando uma substancial produção artística considerada genuinamente nacional, combinada, evidentemente, à inegável influência que recebe e recebeu das produções literárias estrangeiras, com as quais dialoga e comuta, através dos tempos, semelhanças e diferenças, mas sempre buscando uma produção original, marcada por nossas particularidades culturais, estéticas, sociais e políticas. Bebendo propositalmente de águas europeias ou negando categoricamente qualquer influxo oriundo de criações artísticas forasteiras, os autores brasileiros edificam continuamente, através de suas obras, uma construção nacional maior, que se expande em um metamorfosear constante, estabelecendo um rol de atributos distintivos, cuja figura central e imprescindível tornou-se nosso objeto de análise e para qual reservamos nossas atenções, esmiuçando com diligente apuro e infatigável zelo seus caminhos e descaminhos, suas habilidades e fraquezas, seus passeios e desventuras, suas motivações e seu cansaço, suas mais peculiares características e suas inevitáveis mudanças, suas decisivas influências e sua notória originalidade.

A sinuosa e improvável trajetória do malandro, seus desdobramentos, nuances e transformações é o que se seguirá nos próximos capítulos, que dedicaremos a analisar personagens de destacado relevo e indiscutível importância, debruçando-nos na tarefa de traçar um panorama de figuras marcadamente características de nossa literatura, aqui especialmente personificadas na estampa do malandro, que vem indolente e astutamente passeando com seu gingado usual pela narrativa brasileira há muito tempo, desde que Manuel Antônio de Almeida resolveu modelar, à base de uma pisadela e de um beliscão, o que Antônio Candido e outros importantes teóricos e críticos da nossa literatura chamaram de “*o primeiro grande malandro da novelística brasileira*” (CANDIDO, 1970, p. 91): Leonardinho Pataca, o protagonista de *Memórias de um Sargento de Milícias*(1854), fruto do relacionamento do antigo meirinho Leonardo Pataca e da dissimulada Maria da Hortaliça.

Observando em retrospectiva a produção literária nacional desde os seus primórdios, nos é possível averiguar a presença de personagens protagonistas com

determinadas características mais ou menos próximas, cujos traços e aspectos mais marcantes os aproximam, fazendo com que tais sujeitos componham uma espécie de rol singularmente brasileiro de “malandros da literatura nacional” e seus desdobramentos.

Desse modo, nosso propósito primordial é investigar um conjunto de personagens, de diferentes romances publicados em diferentes épocas, analisando os elementos harmônicos e congruentes entre essas personagens, examinando suas peculiaridades em relação aos demais, especulando suas origens e maiores influências, também contemplando as transformações pelas quais o malandro brasileiro passou ao longo de sua altiva e sinuosa trajetória, até chegar à contemporaneidade, quando, assim como a sociedade brasileira, o malandro apresenta-se com uma nova configuração. Nosso propósito, como veremos, é assinalar de que modo o romance nacional, desde *Memórias de um Sargento de Milícias*, fez do malandro uma figura recorrente que, com o tempo e as diferentes experiências literárias, se desdobrou num outro tipo que, apesar de guardar certas semelhanças de fundo com o malandro, como o jeitinho, a finta, a artimanha, o engodo e a dissimulação, resultado do que denominaremos, ao longo de nossa tese, de razão logratória, dele se distancia em termos de práticas, intenções, comportamentos, consciência, capacidade de reflexão, lugar social, condição de classe, má consciência e má fé, e que denominamos, aqui, de velhaco.

A esperteza, a argúcia, o raciocínio agudo e a sagacidade são algumas das características mais marcantes do malandro, que historicamente renegou o trabalho, as ocupações habituais e procurou viver à margem dos padrões sociais estabelecidos pelos homens, aproveitando-se de oportunidades e de circunstâncias que poderiam lhe favorecer na busca de algum objetivo específico, de se safar de determinadas situações cotidianas ou simplesmente de atenuar e aliviar o seu percurso, tradicionalmente penoso e naturalmente árduo.

Em sua *Dialética da Malandragem* (1970), Antonio Candido enumera semelhanças e diferenças entre este malandro que encontramos historicamente na literatura nacional, especialmente em *Memórias de um Sargento de Milícias*, em relação ao pícaro e sua tradição, sobretudo, espanhola, que surge em obras consagradas daquela literatura, como *La vida de Lazarillo de Tormes* (1554) e *Vida y hechosde Estebanillo González* (1645). Candido não filia o malandro ao pícaro, como se faz com alguma frequência, mas elenca determinadas características que

podem aproximar o malandro brasileiro do pícaro, como a origem humilde e a itinerância, por exemplo. O pícaro, figura consagrada da literatura mundial, como veremos em alguns momentos de nossa tese, precede o surgimento do malandro brasileiro e conserva com o nosso herói similitudes e disparidades.

A mais intensa identificação entre eles, no entanto, certamente é a indelével e persistente confrontação com adversidades, fatalidades e infortúnios impostos pelas circunstâncias sociais nas quais aparecem invariavelmente imersos, situações que os compelem às ações que os caracterizam, erigidas e tramadas pela astúcia, pela manha e pela esperteza peculiares de suas naturezas, instrumentos que manejam com particular desembaraço para driblarem tais adversas situações. Destarte, o problema central de nossa investigação implica, num primeiro momento, em compreender de que modo nosso romance nacional, já no período romântico, reconfigurou elementos característicos da picaresca espanhola a partir de certos traços muito particulares de nossa cultura, mormente aqueles traços advindos dos costumes, práticas, comportamentos e vivências das camadas mais pobres da sociedade brasileira, dando origem ao romance da malandragem e ao seu protagonista anti-heroico, o malandro; num segundo momento, nosso trabalho deve se dedicar a refletir de que modo o romance nacional, já em fins do século XIX, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), fará surgir, da apropriação de determinadas características do romance de malandragem, como o humor, a ironia, o chiste, o cinismo, a astúcia, a manha e a dissimulação, um tipo distinto e novo, para quem a razão logratória, isto é, a racionalidade fundada no engodo, na fraude e na desfaçatez, será também a seara da má consciência e da má-fé, da desfaçatez deliberada e da impostura calculada, a fazer do logro instrumento da busca pela conquista de poder, glória ou reconhecimento – trata-se da figura do velhaco.

Nossa hipótese principal é a de que romancistas de gênio, como Machado de Assis, rapidamente perceberam que, no interior de nossa vida social, a razão logratória, ou seja, a tendência a usar a astúcia, a esperteza, o jeitinho e o engodo como instrumentos para a solução fácil de problemas, deixava rapidamente de funcionar como expediente algo ingênuo de sobrevivência e de superação das condições materiais de vida mais adversas, expediente localizado, então, entre aqueles cidadãos pobres ou economicamente remediados, para ganhar corpo e nova forma de manifestação justamente entre os grupos sociais mais privilegiados, entre a elite econômica e política, bem nascida, rica, cuja condição de classe

dispensaria, por óbvio que é, o recurso do logro, da trapaça e da esperteza como condição para realizar determinadas ambições, projetos de reconhecimento ou a conquista do poder. Com isso, ao flagrar a “desfaçatez de classe”, na expressão de Roberto Schwarz (2000), de uma elite a qual tudo lhe cabe e pertence, mas cujo desejo de posse, poder e fortuna é insaciável, Machado de Assis criou o primeiro grande velhaco da literatura nacional, um sujeito, Brás Cubas, para quem a razão logratória se converte em razão instrumental, aquele que mesmo bem nascido e consciente de si e de seu lugar social, não mede esforços nem se prende a qualquer tipo de escrúpulos para fazer da vantagem, da dissimulação, do jeitinho e da mentira os mecanismos de uma busca obstinada pela realização pessoal, representada no desejo da “glória da nomeada”.

Nesse sentido, interessa-nos definir, ao longo deste trabalho, o que entendemos por razão logratória, malandragem e velhacaria, bem como o modo como a razão logratória, caracterizada, como a expressão sugere, pelo uso mais ou menos racional do logro como mediador na realização dos interesses pessoais, ganha dimensões diferentes em função da condição de classe e do lugar social das personagens, do uso mais ou menos inconsciente ou deliberado da racionalidade instrumental, da ingenuidade e inofensividade de certas práticas ou da má consciência e da má-fé como condições para a realização dos interesses e projetos pessoais.

Assim, entre outras coisas, quando a personagem reage às circunstâncias adversas que caracterizam sua vida lançando mão do logro e da esperteza, temos, por exemplo, a figura clássica do malandro; por outro lado, quando ela, de uma condição de classe privilegiada, age em função de manobras, mentiras, dissimulações e enganos, consciente do que faz, autojustificando-se, com o único objetivo de alcançar seus interesses mais egoístas ou ambições exclusivamente pessoais, o que temos em jogo é a figura do velhaco.

Com isso, podemos adiantar que o malandro usa a finta e o logro de forma quase inconsciente, sem que a razão logratória se manifeste ao nível de uma consciência verdadeiramente reflexiva, ao passo que o velhaco usa a razão logratória a partir do cálculo, da deliberação e em vista de uma consciência reflexiva que não só se manifesta ao longo da narrativa, mas que também se justifica diante de suas escolhas, práticas e ações.

Percurso metodológico: em busca de uma nova tipologia

Nosso propósito é analisar as figuras do malandro e do velhaco, de Manuel Antonio de Almeida até Reinaldo Moraes, com *Tanto Faz* (1981) e *Abacaxi* (1985), levando em consideração a própria história e a natureza da forma romanesca, que nos conduz, então, a nos debruçarmos numa reflexão que nos permita compreender de que modo essa manifestação particular do romance pode ser útil para pensarmos não apenas a relação entre literatura e sociedade, considerada em função de determinado aspecto da cultura nacional, mas, sobretudo, como certos romances concebem personagens cínicas, aproveitadoras, arrivistas, egoístas e até mesmo corruptas, que, escondidas muitas vezes sob a dissimulação do humor e da comicidade, confundem-se, não raro, com a própria figura do malandro. Aqui nos interessa investigar cuidadosamente os desdobramentos, as transformações e as evoluções pelos quais passa o malandro ao longo de seu trajeto na literatura nacional. Partindo do que consideramos o malandro genuinamente brasileiro, que começa em Leonardinho Pataca, seguimos localizando algumas outras figuras características da razão logratória na literatura nacional através dos tempos, reservando cuidado especial, inclusive, a esse novo tipo que surge e que pode muito bem ser representado por Brás Cubas, por exemplo, um tipo que emana em nossa literatura e que não é marcado pelo conflito entre status e circunstâncias sociais ou posição de classe e adversidades.

Do ponto de vista da condição social, os velhacos caracterizam-se por práticas e formas de agir que contrariam valores éticos e morais, valores esses que deveriam fundamentar os comportamentos e as práticas sociais. São personagens que manipulam esses mesmos valores, de forma consciente, em nome do privilégio de classe, da influência social e principalmente do benefício próprio, passando da malandragem à velhacaria, encarnando um tipo que, como iremos discutir, ganha força com Paulo Santos, o deputado federal protagonista de *Vila dos Confins* (1956), de Mário Palmério, e alcança o máximo em cinismo e autoconsciência com Ricardo de Mello, narrador e protagonista dos romances *Tanto Faz* e *Abacaxi*, de Reinaldo Moraes, textos originalmente publicados em 1981 e 1985, respectivamente. Na esteira de Machado de Assis, esses autores trazem à literatura nacional o tipo dos privilégios e do favorecimento social, figuras que estão na outra ponta do malandro original, encarnado por Leonardinho Pataca. Por isso mesmo, devemos percorrer, criticamente, esse itinerário histórico, sempre atentos às principais figurações da

racionalidade logratória presentes na literatura brasileira, analisando, examinando e descrevendo as suas principais características, no sentido de relatar semelhanças difusas e diferenças substanciais entre malandros e velhacos.

Do ponto de vista da narratologia, mais especificamente, do estudo da personagem de ficção, é preciso considerar que o malandro, em geral, é uma personagem plana, sem desenvolvimento psicológico ou interioridade anunciada, configurando-se, na verdade, como um tipo, isto é, uma representação de certos caracteres médios de um grupo ou camada social, no caso, um conjunto de elementos que, na cultura nacional, implicam no jeitinho, na finta, no engodo, na trapaça como instrumentos dos quais o sujeito lança mão para superar adversidades materiais ou obstáculos sociais que se interpõem à vida de indivíduos pobres, às voltas com uma existência precária, a solicitar dos sujeitos criatividade, astúcia e malemolência caso queiram sobreviver cotidianamente.

O malandro, como personagem, não delibera ou racionaliza, pois que a malandragem, para ele, é intuitiva, parte de uma série de práticas culturais codificadas e sobre as quais ele não reflete e com as quais nunca entra em desacordo. Não há, pois, qualquer conflito entre consciência e escolha, entre ideia e ação – do mesmo modo, não há qualquer tensão entre consciência e mundo, ao contrário, a malandragem, em geral, é o resultado da premência em agir diante das circunstâncias e necessidades que o mundo coloca ao sujeito. Sendo assim, o malandro encarna a figura típica do brasileiro médio, pobre e remediado, que só pode contar com a esperteza para driblar os problemas, conflitos e adversidades com os quais se depara todos os dias.

Ainda do ponto de vista da narratologia, podemos associar o velhaco com as personagens redondas ou esféricas, isso porque, ainda que suas ações pareçam repetir, na superfície, certos comportamentos ou traços característicos do tipo malandro, a constituição de caráter do velhaco implica numa má consciência que calcula, pondera, reflete e delibera a natureza de suas ações, ou seja, o velhaco racionaliza o logro de acordo com um conjunto de interesses bastante definidos, e nunca premido pelas circunstâncias ou adversidades. Se o malandro vive à deriva por um mundo social hostil, se está sempre à mercê do acaso ou dos acontecimentos alheios à sua vontade, que não só não domina como também precisa driblar de modo a sobreviver às ocasiões, o velhaco emerge de uma vida social segura, plena e realizada, tem boa formação e condição de classe favorável,

logo, lança mão do logro de forma consciente e deliberada, não para vencer uma adversidade qualquer ou uma situação de penúria ou precariedade material, mas para realizar um projeto pessoal, uma ambição mais ou menos egoísta, um qualquer desejo de poder, glória ou reconhecimento que o distinga socialmente, como se dá, por exemplo, com Brás Cubas. Apesar das práticas moralmente questionáveis e de uma vida eticamente reprovável, o velhaco tem o charme de uma expertiserefinada, o humor de uma inteligência sedutora e a vileza quase simpática de uma consciência capaz de justificar as maiores imposturas – para não mencionar a reflexão cínica que o coloca, ao menos ele imagina, além do bem e do mal, em outro patamar.

Nesse sentido, se nos referimos, ao longo de nosso trabalho, ao velhaco como um tipo, não é no sentido estrito que a narratologia compreende o tipo, isto é, como uma determinada forma de figuração da personagem, mas no sentido de uma expressão tipológica – o desdobramento complexo, conscientemente problemático, assinalado pela má consciência, dado ao cálculo e à deliberação, do malandro mais ou menos ingênuo, aquele moralmente engraçado e socialmente inofensivo de uma tradição inaugurada por Manuel Antônio de Almeida e seu *Memórias de um Sargento de Milícias.* Do ponto de vista narratológico, então, o malandro é sempre um tipo, ao passo que todo velhaco, pelo uso consciente da razão logratória – a do engodo, da esperteza e da manipulação – de forma instrumental, é sempre uma personagem redonda. No entanto, do ponto de vista do nosso estudo, que envolve uma dimensão metodológica que é taxonômica, inclusive, a ideia de tipo corresponde justamente ao trabalho de classificação que visa a distinguir, catalogar e mapear personagens que, mesmo partilhando uma origem comum e certos traços constitutivos parecidos, forjam, na verdade, duas tradições diferentes no que diz respeito à prática cultural do jeitinho, da finta e do logro como forma de alcançar determinadas ambições ou realizar determinados intentos.

Desse modo, e recuperando a questão narratológica, outra de nossas hipóteses implica em considerar que, da perspectiva da construção da personagem, o malandro é sempre um tipo, enquanto o velhaco ganha a dimensão da pessoa, isto é, uma figuração que efetivamente sugere uma consciência real e verdadeiramente autônoma. Esse, pode-se dizer, é o elemento estrutural determinante a diferenciar as duas categorias de personagens: o malandro, por sua constituição, nunca é um caráter livre ou autônomo, está sempre preso às estruturas

sociais que o abrigam e contra as quais se choca, sempre na dependência do beneplácito ou da condescendência daqueles que com ele convivem ou que por ele são enganados, sempre engenhoso, mas de uma engenhosidade que não reflete, pondera, articula, antes, é o resultado das vivências cotidianas, de uma certa sabedoria popular, que circula culturalmente e que tem certo alcance universal.

Assim sendo, o malandro não se deixa confundir com uma pessoa porque, não raro, suas ações são sempre mais ou menos previsíveis e orientadas para as situações imediatas que o acaso ou as demandas sociais lhe impõem. O velhaco, por sua vez, é a representação de uma pessoa, uma consciência autônoma, que reflete, delibera, escolhe e age de acordo com um conjunto de ideias e interesses que aparecem em primeiro plano ao longo da narrativa e que, não raro, estão em conflito com a ordem da sociedade, do grupo, dos valores, das práticas e dos comportamentos que constituem o mundo social do velhaco.

Nosso intento, aqui, deixa-se claro, não é um estudo narratológico acerca do estatuto da personagem, antes, o que importa é compreender que se a razão logratória é o elemento comum que une malandro e velhaco, o modo como cada um deles lança mão desse instrumento não só é distinto, como também é o mecanismo narrativo que os diferencia. O que se pretende, então, é recorrer à análise de um conjunto de romances característicos do uso da razão logratória com o objetivo de realizar uma distinção conceitual e crítica que permita compreender como a razão logratória se articula em diferentes traços de comportamento e formas de ação, produzindo dois tipos distintos do ponto de vista da classificação tipológica, o malandro e o velhaco, cuja diferença envolve mais do que a esperteza como atributo de caráter e instrumento para a solução de problemas ou conflitos, mas também a intencionalidade, o pensamento, a deliberação, a interioridade desenvolvida, a má fé, a reflexividade crítica, a consciência de si, do mundo e das coisas que caracterizam o velhaco e que lhe conferem uma subjetividade que divisa, de fato, com a natureza da pessoa.

Por essa razão, escolhemos como pressuposto organizador de nosso trabalho uma perspectiva que é histórica, mas não historicista, ou seja, que seleciona alguns romances emblemáticos da literatura nacional, em que malandro e velhaco aparecem bem delineados, mas que se dedica a compreender tanto a natureza da personagem quanto determinados aspectos do mundo social, político e econômico do qual ela surge.

Em relação às obras literárias eleitas como objeto de nossa análise e classificação, umas dissecadas com maior profundidade, outra exploradas mais superficialmente, elencamos o inaugural texto malandro *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, que trouxe à luz o primeiro malandro brasileiro, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, *Vila dos Confins* (1956), de Mário Palmério, *Tanto Faz* (1981) e *Abacaxi* (1985), de Reinaldo Moraes, *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, *O Grande Mentecapto* (1979), de Fernando Sabino – esses dois aparecendo em capítulos anexos[1] –, além de pequenas incursões a textos precursores, como as pícaras espanholas consagradas, e alguns malandros de outras obras literárias que não estão em romances. Um dos grandes intuitos deste nosso trabalho é responder se há, de fato, um "malandro da literatura brasileira" ou se temos, na verdade, uma tipificação de malandros, que é formada de acordo com alguns conjuntos específicos e coerentes de características, que se agrupam para que se formem esses diferentes perfis.

Como fundamentação teórica, buscamos aplicar os conceitos estabelecidos por Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade* (1965), *Dialética da Malandragem* (1970), *Formação da Literatura Brasileira* (1959), por Mário de Andrade em seus muitos trabalhos sobre as questões sociais e culturais brasileiras, além do próprio *Introdução* (1941), que trata especialmente de *Memórias de um Sargento de Milícias*. A *Dialética e a Malandragem* (2008), de André Bueno, *Pressupostos, Salvo Engano,deDialética da Malandragem* (1987), de Roberto Schwarz, são intertextos em relação ao ensaio de Candido e também nos são muito importantes no trabalho aqui realizado.

Os imprescindíveis trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda também são de decisiva importância, como *Trabalho e Aventura* e *O Homem Cordial*, que estão em *Raízes do Brasil* (1936). *Bandeirantes e Pioneiros – Paralelo entre duas culturas* (1966), de Viana Moog, com suas comparações entre as civilizações brasileira e

[1]A leitura e breve análise de *Macunaíma* e *O grande mentecapto* aparecem, em nosso trabalho, na forma de excursos por uma razão essencial: ambas as narrativas são problemáticas do ponto de vista da forma, o que quer dizer, ambas oscilam entre manifestações narrativas distintas e, por consequência, figuram mundos sociais igualmente distintos. No caso de *Macunaíma*, temos a indecisão entre a forma romanesca e a rapsódia, ou seja, entre o romance moderno, forma de figuração por excelência da sociedade industrial burguesa, e a narrativa folclórica, de natureza mítica ou que remete ao mito, sugerindo a natureza do canto épico, tal qual os gregos o praticavam. No caso de *O grande mentecapto*, temos uma narrativa híbrida entre o romance burguês, a picaresca espanhola e o romance cervantino, recuperando uma tradição histórica que resgata o nomadismo do pícaro e o patetismo do sujeito desajuizado, do romance de Cervantes, que vive uma história alienada do mundo que o cerca.

norte-americana, também é de vital utilidade para elencarmos e discutirmos as características do malandro nacional e suas distinções mais evidentes. *Carnavais, Malandros e Heróis* (1979), *O que faz o brasil, Brasil?* (1984), de Roberto DaMatta, *O jeitinho brasileiro – a arte de ser mais igual do que os outros* (2006), de Lívia Barbosa, *Malandragem Revisitada* (1988), de Roberto Goto, *O povo brasileiro* (2006), de Darcy Ribeiro, *A desculpa – as circunstâncias e a moral das relações sociais* (2012), de Alexandre Werneck, entre muitas outras obras, servem-nos de suporte teórico ao longo desta trajetória que percorremos aqui, lado a lado com o malandro da literatura brasileira.

Assim, o primeiro capítulo de nossa tese intitula-se “Da dialética da malandragem ao exercício da velhacaria”, no qual nos dedicamos a estabelecer o aporte teórico e a estabelecer a rede conceitual que nos permitirá refletir sobre o que entendemos por razão logratória, malandragem e velhacaria, bem como o que caracteriza, do ponto de vista da particularidade, esta última, ou seja, o trabalho da reflexão e o uso da má-fé. Estabelecida tal discussão, os capítulos seguintes dedicam-se, cada um deles, à análise detida e particular, sempre em função da proposta tipológica que aqui apresentamos, de alguns romances que julgamos paradigmáticos tanto do uso da razão logratória quanto da manifestação do malandro e do velhaco.

A escolha dos romances se deu em função daquelas obras que nos parecem mais destacadas não só no que diz respeito à presença da razão logratória, mas também ao uso do humor, do riso ou da ironia como dispositivos narrativos que seduzem o leitor e que dissimulam, em alguma medida, a natureza moralmente condenável das ações e das práticas das personagens. Esse recorte histórico tem outra particularidade importante: como não é possível analisar tais obras sem colocar em jogo, em alguma medida, o contexto histórico, social e político ao qual elas se referem ou do qual derivam, nosso trabalho também busca compreender como a cultura nacional se desenvolveu, nos últimos 180 anos, desde as *Memórias de um Sargento de Milícias*, sem perder de vista uma dinâmica igualmente característica: o malandro e sua condição pobre e precária; o velhaco e seus privilégios.

O segundo capítulo, então, intitulado “O outro lado da pisadela e do beliscão de inauguração: nasce a razão logratória e seu primeiro malandro”, dedica-se a retomar as discussões e análises acerca da figura do malandro e da malandragem,

compreendendo que *Memórias de um Sargento de Milícias* é um romance paradigmático da narrativa malandra e, mais do que isso, fundador da ideia de razão logratória, inclusive no sentido que acabou assumindo para toda uma sociedade que fez dela parte expressiva de nossa identidade social e um "valor" fundamental de nossa cultura. Retomando as discussões de Antonio Candido e Roberto DaMatta, respectivamente em "Dialética da malandragem", *Carnavais, malandros e heróis*, *O que faz do brasil, Brasil?* (1986) nosso intuito é pensar a caracterização do malandro e sua relação com o mundo social ao qual pertence, principalmente do ponto de vista da condição de classe, isto é, emergindo da camada dos homens brancos, pobres e livres, para que possamos, mais tarde, deduzir os elementos superficialmente comuns em função dos quais o velhaco irá se constituir para ganhar sua natureza singular e complexa.

Nesse sentido, o terceiro capítulo, intitulado "Brás Cubas: nasce – com um defunto – o velhaco do logro instrumental", dedica-se a analisar o romance de Machado de Assis de uma perspectiva bastante restrita: considerando que se trata do primeiro autor a perceber, por meio de seu romance, as imposturas sociais e culturais por trás do elogio da malandragem e do jeitinho, concebendo, assim, um protagonista que, por sua condição social privilegiada, faz da razão logratória logro instrumental, deliberando, calculando, fazendo da má consciência e da má-fé os pilares de suas ações.

O quarto capítulo, por sua vez, cujo título é "*Vila dos Confins*, de Mário Palmério: um triste e conhecido desdobramento do velhaco", aprofunda a compreensão da figura do velhaco, sua natureza e caráter, ao desvelar como o país, já socialmente desenvolvido e bastante mais complexo em termos de instituições e de vida pública, verá surgir, no campo da política e suas particularidades, um novo tipo de velhacaria, praticada por um novo tipo de velhaco: o homem público, o deputado sem escrúpulos que utiliza a razão logratória como fundamento de práticas pouco democráticas, pouco republicanas e francamente alinhadas com os interesses pessoais e do grupo político do qual faz parte. Nesse sentido, como esperamos demonstrar, quando o país aparentemente adentra ao domínio das formações democráticas ocidentais, o velhaco da política surge como o sujeito que conscientemente manipula o jogo de poder em função de demandas próprias, muito pouco afeitas ao interesse público e às necessidades coletivas.

De forma similar, o quinto capítulo, “Ricardinho de Mello, de Reinaldo Moraes: a narrativa do adiamento ou um velhaco nas hostes da burocracia de estado”, ao analisar os romances*Tanto Faz* e *Abacaxi*, de Reinaldo Moraes, flagra, agora, o velhaco do mundo burocrático, das repartições públicas e dos escritórios de economia e planejamento, que deixa o país com uma bolsa de estudos e aperfeiçoamento de um ano, em Paris, mas que não frequenta os cursos, não se dedica à pesquisa, não trabalha nem justifica os recursos materiais investidos em sua formação, ao contrário, aproveita-se da oportunidade para, na melhor atmosfera do sexo, drogas e rock androll, vivenciar sua própria contracultura custeado pelos cofres públicos. Nesse sentido, Ricardinho é o velhaco antípoda de uma sociedade que experimenta os estertores da ditadura militar e das interdições que ela criou na sociedade brasileira.

Por fim, em dois “Excursos” finais, intitulados, respectivamente, “Macunaíma, um malandro nas origens da modernidade nacional” e “As aventuras e desventuras do Grande Mentecapto – Geraldo Viramundo”, nós nos dedicamos a compreender de que modo as obras de Mário de Andrade e de Fernando Sabino, em momentos diferentes da história social e literária brasileira, reconfiguram, de forma problemática, a figura do malandro e suas práticas e ações. Neste caso, como sugerimos em nota de rodapé, as obras aparecem analisadas em excursos porque a natureza híbrida das duas narrativas faz com que elas se distanciem muito da forma romanesca, entendida como a do romance social de caráter burguês, que caracteriza as demais obras estudadas ao longo deste trabalho.

Tanto *Macunaíma* quanto *O grande mentecapto* recolocam em cena a figura do malandro, mas, agora, uma malandragem *sui generis*, que, no caso do primeiro, implica resgatar mitos indígenas e lendas folclóricas nacionais numa narrativa rapsódica que desdobra, dialeticamente, uma relação entre mundo mítico e sociedade moderna, entre herói épico, malandro e homem social; já no caso da segunda, temos uma narrativa que resgata a picaresca espanhola e o romance cervantino para explorar as relações entre malandragem e loucura enquanto alegoriza o herói possível de um país marcado, igualmente, pela tensão entre atraso e desenvolvimento, desejo de liberdade civil e interdição militar.

CONCLUSÕES

Como vimos ao longo dos capítulos deste trabalho, o estudo da representação do malandro na literatura brasileira, necessariamente, nasce com o exame e a apreciação das características mais particulares de Leonardo Pataca (o filho), em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, romance publicado em livro no ano de 1854, depois de sair de maneira fragmentada em folhetins cariocas durante os dois anos anteriores, com traços significativos de influência do romance picaresco.

Ao longo dos anos, talreferencial obra foi analisada e estudada por José Veríssimo, por Mário de Andrade, por Josué Montello, por Darcy Damasceno e também por muitos outros importantes autores da crítica e da teoria literária, até chegarmos ao consagrado ensaio de Antonio Candido, a “Dialética da Malandragem”, no qual o autor descreve Leonardo como malandro feito, ou seja, cuja malandragem não se constitui unicamente como um atributo obtido pela força das circunstâncias, mas também por outros elementos constitutivos desta distinção, definindo-o como nosso primeiro e autêntico malandro, figura que se tornaria típica na literatura nacional:

> (...) Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil. Malandro que seria elevado à categoria de símbolo por Mário de Andrade em Macunaíma e que Manuel Antônio com certeza plasmou espontaneamente, ao aderir com a inteligência e a afetividade ao tom popular das histórias que, segundo a tradição, ouviu de um companheiro de jornal, antigo Sargento comandado pelo major Vidigal de verdade. O malandro, como o pícaro, é espécie de um gênero mais amplo de aventureiro astucioso, comum a todos os folclores. (CANDIDO, 1970, p. 71).

A partir de tal obra literária, variados malandros de relevo surgiram na literatura nacional, habitaram o imaginário coletivo com características muito peculiares e acabaram originando um rol de personagens brasileiras, dando origem a um conjunto de qualidades que nos permite identificar esse tipo, com pitadas da influência da picaresca espanhola e peculiaridades oriundas de situações sociais muito particulares do nosso país, conforme pudemos constatar nos capítulos de nosso trabalho. Na crítica literária brasileira, a figura do malandro ainda é pensada a partir de certos traços estabelecidos por Antonio Candido em seu ensaio referencial.

Isso significa que, em linhas gerais, o malandro ainda é tomado em função de certa ironia farsesca, de algum tom satírico que, de determinado modo, tornam mais ou menos inocentes as ações das personagens no que diz respeito a determinadas práticas que rompem com os princípios normativos – legais, éticos ou morais – que orientam a ordem social como um todo.

No entanto, esses elementos caracterizadores acabam por não distinguir determinadas figuras que, por seu caráter flexível, bem como por sua condição de classe bastante favorável, confundem-se indevidamente com a imagem tradicional do malandro e se desdobram em outro tipo, que denominamos aqui por “velhaco”. Desta forma, temos Leonardinho Pataca em uma ponta e Ricardo de Mello na outra extremidade deste decurso, os pontos extremos dos tiposque aqui foram estudados. Em relação aos primeiros aspectos que aproximam essas figuras, no capítulo *Trabalho e Aventura* de seu *Raízes do Brasil* (1936), por exemplo, Sérgio Buarque de Holanda nos fala do malandro em contraponto ao trabalhador, denominando-o ali de *aventureiro*.

Segundo Buarque, há uma ética da aventura e uma ética do trabalho. Audácia, irresponsabilidade, imprevidência, vagabundagem e instabilidade caracterizam esse aventureiro, que enxerga a segurança, a paz e o trabalho como características desprezíveis:

> Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore. Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes. (HOLANDA, 1936, p. 34)

Desta maneira, como muito bem situou Roberto DaMatta em seu *Carnavais, Malandros e Heróis*, “o malandro não cabe nem dentro da ordem nem fora dela: vive nos seus interstícios, entre a ordem e a desordem, utilizando ambas e nutrindo-se tanto dos que estão fora quanto dos que estão dentro do mundo quadrado da

estrutura" (DAMATTA, 1990, p. 139). Obras como *Bandeirantes e Pioneiros* (1969), de Vianna Moog, que tratam de dissecar características sociais e culturais da civilização brasileira em contraponto a outras, nos serviram de ferramenta no intento de pensar a constituição não só da figura do malandro, mas de outro tipo bastante singular que se delineou a partir da ideia mesma de malandragem, uma espécie de desdobramento de tal figura: o velhaco da razão logratória.

Moog observou na civilização brasileira um preconceito contra o trabalho e uma despreocupação com aspectos morais, características latentes do malandro nacional, algo que também se verifica em Ricardinho de Mello, por exemplo. Roberto DaMatta, com seu *Carnavais, Malandros e Heróis*, também nos serviu de amparo crítico na peregrinação em busca da figura do malandro brasileiro e seus desdobramentos ou transformações, sujeito que usa as desvantagens do país como vantagens para criar sua persona, moldada como uma espécie de caráter nacional brasileiro, como bem definiu Roberto Goto em seu *Malandragem Revisitada: uma leitura ideológica da malandragem*:

> No imaginário da sociedade nacional, [a malandragem] costuma sintetizar certos atributos considerados específicos ou identificadores do brasileiro: hospitalidade e malícia, a ginga, a finta, o drible, a manha e o jogo de cintura, muito apreciados no futebol e na política, a agilidade e a esperteza no escapar de situações constrangedoras ligadas ao trabalho e à repressão, o "jeitinho" que pacifica contendas, abrevia a solução de problemas, fura filas, supre ou agrava a falta de exercício de uma cidadania efetiva. (1988, p. 11)

Conforme explica Roberto Goto, então, a malandragem à brasileira reúne determinadas características relacionadas à ideia do sujeito que encurta caminhos, burla leis e regulamentos valendo-se de métodos muito peculiares de brasilidade, aplicando seu gingado característico na obtenção de vantagens, que representam atalhos pavimentados pelo privilégio e pela regalia em relação ao outro, às instituições e às contingências, colocando seu ator à margem do cumprimento regrado ao que estabelecem normas, estatutos ou moral estabelecidos.

Como linha de chegada deste caminho percorrido a passos marotos e ginga característica, reservamos atenção especial ao malandro encontrado nos dois romances aqui analisados de Reinaldo Moraes: *Tanto Faz* e *Abacaxi*, com ênfase no primeiro. Tanto em um quanto em outro o narrador e protagonista é Ricardo de Mello, um velhaco que sai do Brasil nos sociais e politicamente conturbados anos 70

e vai para a França passar uma temporada financiado por dinheiro público, através de um programa de bolsa, para realizar uma tarefa ligada ao instituto para o qual trabalhava, no ramo da Economia, uma grande casualidade, inclusive destacada no título do romance. Até a véspera de sua partida, Ricardo sequer sabia que seria enviado a Paris a trabalho. Beto, um colega da repartição, desistiu da viagem na véspera e Gonçalves, seu chefe, o incumbiu de ir à Europa como economista bilíngue, desembarcando no dia seguinte em Orly, no meio do verão parisiense, para passar um largo tempo em solo europeu, devidamente financiado por um convênio entre os dois países. O que acontece é que Ricardinho age como um dândi parisiense, absolutamente despreocupado em relação a qualquer compromisso, alheio às questões deixadas para trás em seu país (inclusive questões políticas e sociais, como a ditadura militar estabelecida, por exemplo, eventualmente citada em reminiscências) e também absolutamente indiferente ao trabalho que teria que realizar em solo francês.

O título do livro mais parece o lema do protagonista, que é uma figura do privilégio, um aventureiro oportunista que se vale daquela regalia para flutuar pelo tempo e pelo espaço, dando de ombros para qualquer obrigação ou responsabilidade, deleitando-se com as situações que se criam sequencialmente, em detrimento de sua verdadeira tarefa atribuída para que estivesse ali. Suas ações denegam não apenas a responsabilidade diante da própria vida adulta e responsável, mas, sobretudo, o compromisso com o pensamento, com a reflexão, com a formação acadêmica, que são o verdadeiro propósito daquela empreitada, ou seja, Ricardo se aventura astutamente em uma jornada que põe a perder a própria noção de mérito, algo que deveria marcar e pontuar a razão de seu trabalho em Paris. Parte exatamente daí a confusão que se estabelece entre mérito e privilégio, entre vida privada e coisa pública.

Nosso intuito, desta maneira, foi demonstrar que Ricardo de Mello compõe uma espécie muito particular de desdobramento do malandro tradicional, que chamamos aqui simplesmente de velhaco da razão logratória. De classe média, ocupando um cargo burocrático em uma das maiores e mais importantes cidades do mundo, São Paulo, Ricardinho aceita sem grandes questionamentos ou hesitações as situações que lhe são ocasionalmente apresentadas e, por conta de uma destas, vale-se de uma bolsa de estudos para levar uma vida hedonista na Europa por uma temporada, frequentando um curso que ele mesmo denomina “planificação

econômica para basbaques de terceiro mundo" (1981, p. 29), destoando em vários aspectos do malandro convencional brasileiro, constituindo uma nova espécie ou tipo, pautado na velhacaria da razão logratória, que tem na regalia institucional e na vantagem oblíqua os seus alicerces.

Desta feita, Leonardo Pataca, Macunaíma, Geraldo Viramundo, o deputado federal Paulo Santos, Brás Cubas e o próprio Ricardo de Mello se misturam a outros importantes protagonistas da malandragem e da velhacaria literária nacional para formarem o conjunto de obras com a qual trabalhamos aqui, investigando suas principais semelhanças, comparando suas mais destacadas diferenças, no intuito de mapear a trajetória do malandro e seu desdobramento, o velhaco, em nossa literatura ao longo da sua já consolidada jornada. Quando diferencia o malandro do caxias em seu *Carnavais, Malandros e Heróis* (1979), Roberto DaMatta descreve algumas características importantes que essa figura incorpora:

> (...) o malandro recobre um espaço social igualmente complexo, onde encontramos desde o simples gesto de sagacidade, que, afinal, pode ser feito por qualquer pessoa, até o profissional dos pequenos golpes. O campo do malandro vai, numa gradação, da malandragem socialmente aprovada e vista entre nós como esperteza e vivacidade, ao ponto mais pesado do gesto francamente desonesto. É quando o malandro corre o risco de deixar de viver do jeito e do expediente para viver de golpes, virando então um autêntico marginal ou bandido (DAMATTA, 1997, p. 269).

A figura do velhaco desdobra a ideia do jeitinho, do favorecimento e do casuísmo que circulam no interior da sociedade brasileira, sobretudo na contemporaneidade, representando alguém que vive de procedimentos enganadores, embusteiros e fraudulentos. É o sujeito maroto e finório, diferente do pícaro, por exemplo, que utiliza a dissimulação e a mentira normalmente para se defender da brutalidade e rudeza da vida, por conta da humildade da sua origem e do desamparo inevitável da sorte. Na *Dialética da Malandragem*, Candido investiga o que há de documentário, de malandro e de representativo em *Memórias de um Sargento de Milícias*, e analisa os dois Leonardos, pai e filho, observando as características advindas da pícara espanhola, por exemplo, culminando num conjunto de particularidades que formam o malandro e o velhaco tipicamente nacionais. Somado a isso, em relação à representação social, Almeida efetivamente

sugere a presença viva de uma sociedade existente, o Rio joanino, como bem demonstrou Candido:

> Poderíamos, então, dizer que a integridade das Memórias é feita pela associação íntima entre um plano voluntário (a representação dos costumes e cenas do Rio) e um plano talvez na maior parte involuntário (traços semi-folclóricos, manifestados sobretudo no teor dos atos e das peripécias). Como ingrediente, um realismo espontâneo e corriqueiro, mas baseado na intuição da dinâmica social do Brasil na primeira metade do século XIX. E nisto reside provavelmente o segredo da sua força e da sua projeção no tempo. (...)
> Na verdade, o que interessa à análise literária é saber, neste caso, qual a função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra -, isto é, um fenômeno que se poderia chamar de formalização ou redução estrutural dos dados externos.
> Para isso, devemos começar verificando que o romance de Manuel Antônio de Almeida é constituído por alguns veios descontínuos, mas discerníveis, arranjados de maneira cuja eficácia varia: (1) os fatos narrados, envolvendo os personagens; (2) os usos e costumes descritos; (3) as observações judicativas do narrador e de certos personagens. Quando o autor os organiza de modo integrado, o resultado é satisfatório e nós podemos sentir a realidade. Quando a integração é menos feliz, parece-nos ver uma justaposição mais ou menos precária de elementos não suficientemente fundidos, embora interessantes e por vezes encantadores como quadros isolados. Neste último caso é que os usos e costumes aparecem como documento, prontos para a ficha dos folcloristas, curiosos e praticantes da petitehistoire. (CANDIDO, 1970, p.72 e p.75)

Ricardo de Mello, de *Tanto Faz* e *Abacaxi*, neste sentido, tem como pano de fundo um conturbado período sociopolítico nacional, que chegava aos seus últimos suspiros, culminando na Abertura do começo dos anos 80 e sugerindo o advento de uma nova geração, desiludida e indiferente, que teria algumas de suas características impregnadas no velhaco Ricardo. Observamos, entre muitas outras,a seguinte referência à questão histórica que aparece na obra, quando uma personagem secundária resolve visitar o Brasil e conhecer a tal ditadura militar estabelecida:

> “Num belo dia 1973, Jacques, tomado de súbito élan aventureiro, resolveu conhecer as longínquas e exóticas paragens onde nascera sua mulher, a Lica, uma autoexilada que vivia em Paris desde 1971. Pegou o primeiro boeing que vinha passando e aterrissou em Ipanema, entre biquínis, chope gelado, pó em abundância e fuscas enlouquecidos. ‘Gozado’, me contou ‘ali na praia e arredores não havia nenhuma ditadura à vista. Todo mundo seminu, fumando,

> cheirando, paquerando, falando mal dos milicos, na boa'. Achou que os exilados brasileiros que conhecera em Paris tinham exagerado um pouco a situação do país." (MORAES, 1981, página 89)

Nossa principal hipótese de trabalho, então, consistiu em pensar de que modo um grupo singular de romances da literatura brasileira, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Vila dos Confins*, *Tanto Faz* e *Abacaxi*, por exemplo, apesar de apresentarem personagens marcadas pela ironia e pela sátira, cujos caracteres desdobram, na superfície, traços característicos da figura do malandro, constituem-se, na verdade, como um tipo específico de personagem, uma espécie de transformação ou desdobramento deste, que chamamos ao longo do trabalho de velhaco da razão logratória.

Neste sentido, demonstramos ser possível pensar que o velhaco já modula em negativo os elementos determinantes da malandragem e, ao observarmos, por exemplo, o episódio do almocreve, constatamos que Brás Cubas é um tipo que antecede Ricardo de Mello. Trata-se do episódio em que Cubas foi salvo por um almocreve de um desastre provocado por um jumento, excerto analisado no capítulo reservado ao velhaco da razão instrumental criado por Machado de Assis.

Para Brás Cubas, o gesto do almocreve merece, primeiramente, o valor de um ato heroico e corresponde a uma boa recompensa, tanto que Cubas resolve dar-lhe três moedas de ouro das cinco que trazia consigo, não porque fosse o preço de sua vida, mas porque era uma recompensa digna da dedicação do almocreve. Depois de tal decisão, o velhaco analisa mais cuidadosamente o fato e começa o processo de desvalorização da recompensa, à medida que constata a condição social do almocreve, um pobre-diabo que nunca vira uma moeda de ouro. Com a entrada da questão social, o tal gesto humanitário altera-se totalmente, com a mensuração do desnível social.

Depois de observar que o almocreve contentara-se com a recompensa, Cubas começa a achar que pagara bem demais e descobre no bolso do colete algumas moedas de cobre, constatando que eram os vinténs que deveria ter dado em vez daquelas três moedas. Com efeito, Cubas usa o almocreve sem nenhum tipo de remorso, aproveitando-se dele como se aproveitasse de um animal, manipulando-o em benefício próprio, característica marcada do tipo que chamamos aqui de velhaco da razão logratória:

> “Porque, enfim, ele não levou em mira nenhuma recompensa ou virtude, cedeu a um impulso natural, ao temperamento, aos hábitos do ofício: acresce que a circunstância de estar, não mais adiante nem mais atrás, mas justamente no ponto do desastre, parecia constituí-lo simples instrumento da Providência; e de um ou de outro modo, o mérito do ato era positivamente nenhum. Fiquei desconsolado com esta reflexão, chamei-me pródigo, lancei o cruzado à conta das minhas dissipações antigas; tive (por que não direi tudo?) tive remorsos”. (ASSIS, 1985, p. 543)

Brás Cubas vale-se de benefícios recebidos, de privilégios herdados, da questão da herança e do legado familiar, algo que lhe permite não trabalhar e que, ironicamente, é oriundo da exploração da venda de escravos, seguindo na busca permanente por uma nomeada, isto é, passar a ganhar ainda mais status social a partir de relações políticas privilegiadas, ajustes e mancomunações agenciadas por homens de poder e relevo social. Curioso notarmos que esse velhaco da razão logratória da literatura nacional parece realmente ter inspirado decisivamente o nascimento de Ricardo de Mello, como podemos observar nas palavras de Reinaldo Moraes, autor de *Tanto Faz* e *Abacaxi*:

> “Quando li o *Brás Cubas*, falei: ‘Putz, isso é do caralho! É o que quero ler pro resto da vida!’. Aquele estilo dubitativo, aquela ironia e, ao mesmo tempo, uma absoluta maestria na escrita. Uma coisa cativante e extremamente bem-feita, de você não conseguir largar. Devo ter lido o *Memórias Póstumas* umas 20 vezes, e até mais. Virou uma espécie de Bíblia para mim. Quando comecei a escrever o *Tanto Faz*, quando percebi que dali estava saindo um livro, parei e reli o *Memórias Póstumas*. Eu estava em Paris e pedi para uma namorada me mandar o livro. Quando ele chegou ao Correio, fui buscá-lo, ansioso, e já o li no metrô, e o continuei lendo naquela mesma noite, e disse: ‘É isso, quero escrever isso’.” (MORAES, 2010)

Demonstramos aqui, também, que nos romances nos quais o malandro tradicional se converte em velhaco da razão logratória, não é só a própria representação da personagem que se desarticula, mas do ponto de vista formal, a própria focalização costuma sofrer mudanças, já que, quando o velhaco da razão logratória entra em cena, os romances ou problematizam a imagem do narrador onisciente, como em *Vila dos Confins*, em que a focalização passa de um narrador em terceira pessoa para a de um personagem, ou são narrados em primeira pessoa, usando o tom memorialístico. Podemos relembrar, ainda, o que acontece em *Tanto Faz*, quando Ricardo de Mello, protagonista da obra, agenda um encontro com o

narrador, para que discutam finalmente a questão do foco narrativo, relação que analisamos no capítulo destinado à obra de Reinaldo Moraes em questão:

> - Ricardão, desculpe o atraso, bicho. Cê tá aí faz tempo?
> - Médio...
> - A gente podia ter marcado num café.
> - Melhor aqui. Num café, a gente iria encher a cara e não chegaríamos a conclusão alguma.
> - Vai, manda bala. Que tanto cê tem pra me falar pessoalmente? Como se a gente tivesse outro tipo de relação que não fosse pessoal.
> - Seguinte, assim não dá mais. Vamos decidir agora quem continua narrando essa joça. Eu ou você? Pode ser no par ou ímpar?
> - Ora, Ricardinho, não me venha com fricotes metalinguísticos a essa altura do alfarrábio. Além do mais, todo mundo com mais de um meio neurônio já sacou que eu sou você, e que você sou eu, e que às vezes a gente troca de/
> - Não importa – ele corta, sem dar espaço para tergiversações, ou qualquer palavra complicada que o valha. – Chega desse negócio de ir da terceira pra primeira pessoa, da primeira pra terceira, o tempo todo, feito um fusca de porre no trânsito engarrafado da narrativa. Sem contar as mudanças duma voz pra outra no meio do parágrafo. E sem pisar na embreagem.
> - Por mim – tento argumentar –, desde que a gente chegue à última página, tanto faz quem está narrando. Até acho legal, menos monótono, esse negócio de ficar pulando de um narrador pro outro. Mas, se madame insiste...
> - Ok. Vamo lá: par ou ímpar?
> - Ímpar – escolho.
> Ricardo, à minha frente, esconde um punho fechado atrás das costas. Faço o mesmo e comando, olho no olho:
> - Um, dois e lá vão os... Ímpar! Ganhei.
> - É, ganhou – diz Ricardo, reconhecendo a derrota. – Você é que narra daqui pra frente. Dura lexsed lex.
> - No cabelo só gumex. Valeu. Té mais, Ricardinho. Paris me espera lá em cima.
> Deixo Ricardo na plataforma do metrô, entre desolado e atônito (deve ter uma palavra composta em alemão pra isso) (1981, p. 136-137).

Desta maneira, elencamos neste trabalho, a partir da construção e desenvolvimento das protagonistas, principalmente no que diz respeito a suas condutas e procedimentos, não apenas as características que nos possibilitaram tipificar o malandro na literatura brasileira, mas também localizamos e posicionamos esse tipo de personagem advindo do malandro tradicional, que denominamos aqui como velhaco da razão logratória. Demonstramos, ainda, que a figura do velhaco não significa e simboliza apenas uma gradação ideológica do malandro tradicional, mas sim estabelecemos, a partir da teoria narrativa, os aspectos estruturais que

fazem com que a própria forma romanesca se diferencie nestes tipos, como o foco narrativo, por exemplo.

Assim, investigamos de que forma o processo representacional que produz essas personagens é fortemente marcado por tensões culturais e históricas significativas, que implicam de modo mais ou menos evidente uma questão que, de fato, continua a atravessar a história da literatura nacional: a constituição da própria ideia de brasilidade e suas mais marcantes características, o que nos conduziu também a um caminho dos conhecimentos sociológicos e históricos acerca do brasileiro típico, seus costumes e comportamentos mais distintivos.

Além disso, traçamos uma linha de coerência entre essas personagens velhacas da razão logratória com características que delimitam a sua existência, a sua natureza e o seu modo-de-ser, pois, como bem observou Candido em seu *A Personagem da Ficção* (1968):

> Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. A nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós. E isto não quer dizer que seja menos profunda; mas que a sua profundidade é um universo cujos dados estão todos à mostra, foram pré-estabelecidos pelo seu criador, que os selecionou e limitou em busca de lógica. A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. (1968, p. 43)

Assim sendo, nosso trabalho, de natureza essencialmente bibliográfica e descritiva, analisou de que forma determinados aspectos da cultura nacional são determinantes no processo de construção simbólica de dois tipos de figuras bastante emblemáticas de nossa história: o malandro e o velhaco da razão logratória. As

obras analisadas que constituíram o *corpus*foram*Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *O Grande Mentecapto*, de Fernando Sabino, *Vila dos Confins*, de Mário Palmério, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Tanto Faz* e *Abacaxi*, de Reinaldo Moraes. Os textos de Mário de Andrade e de Fernando Sabino foram analisados e se desenvolveram em forma de excursos, aparecendo na parte final da tese.

As relações que o malandro estabelece entre a casa e a rua, entre o trabalho e o mais completo ócio, entre as festas e as obrigações, além de seu próprio vínculo com as mulheres, o outro, a religião, as circunstâncias, o prazer e a busca por uma identidade são perspectivas que contribuíram de modo extremamente valioso ao nosso intuito maior e, por conta disso, manejamos e recorremos com frequência aos autores que se debruçaram sobre esses assuntos e investigaram sociologicamente o comportamento peculiar do brasileiro e suas astúcias em relação aos temas supracitados, como é o caso de Roberto DaMatta em seu *O que faz do brasil, Brasil?*, quando define a malandragem brasileira e a atribui, de algum modo, a todos os tipos e classes sociais nacionais sem exceções:

> (...) O malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. Aqui, também, temos esse relacionamento complexo e criativo entre o talento pessoas e as leis que engendram – no caso da malandragem o uso de “expedientes”, de “histórias”, e de “contos do vigário”, artifícios pessoais que nada mais são que modos engenhosos de tirar partido de certas situações, igualmente usando o argumento da lei ou da norma que vale para todos, como ocorre no conto da venda do bilhete de loteria premiado.
> (...) Por tudo isso, não há no Brasil quem não conheça a malandragem, que não é só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestidade, mas também, e sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas, e – também – um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais.
> A possibilidade de agir como malandro se dá em todos os lugares. (...) O malandro, então, conforme tenho acentuado em meus estudos, é uma personagem nacional. É um papel social que está à nossa disposição para ser vivido no momento em que acharmos que a lei pode ser esquecida ou até mesmo burlada com certa classe ou jeito.(1986, p. 104-105)

Assim, Leonardo Pataca, Macunaíma, Geraldo Viramundo, o deputado federal Paulo Santos, Brás Cubas e Ricardo de Mello, os seis protagonistas das sete obras literárias essenciais ao nosso estudo – Ricardo de Mello é o personagem principal de *Tanto Faz* e *Abacaxi* – protagonizaram capítulos (ou excursos) inteiros de nosso trabalho, nos quais nos debruçamos na tarefa de entender as suas atuações em relação aos meios sociais nos quais estão inseridos, suas estratégias e artimanhas em relação às situações nas quais acabam metidos e se veem impelidos a driblarem, suas intrujices e burlas quando se relacionam com as demais personagens das narrativas, seus estratagemas e formas não tradicionais de conduta nas mais diversas circunstâncias e conjunturas sociais, suas parecenças e discrepâncias em relação ao típico brasileiro retratado ao longo dos anos pelos sociólogos, historiadores e demais estudiosos supracitados em suas obras, seus traços genéticos mais típicos, oriundos de uma provável herança da tradição picaresca, seu legado, por outro lado, observado em outras personagens com características semelhantes em outras produções artísticas nacionais, seu relacionamento, por vezes insurgente e sedicioso, com as autoridades, os ritos, as tradições, os textos prescritivos, os regulamentos, as regras e os demais preceitos aos quais o tipo comum se submete diariamente.

Especialmente e excepcionalmente em *Memórias de um Sargento de Milícias*, também procedemos semelhante exame investigativo com as demais personagens da narrativa, que também evidenciaram aspectos destacados de brasilidade, ao agirem com sagacidade, astúcia e malícia em suas condutas, caracterizando um agrupamento social peculiar, uma espécie de sociedade do “cada um por si”, golpe ante golpe, logros sequenciais aplicados aqui e ali, fazendo com que o protagonista chegue a ser prescindido em alguns capítulos do romance, o que acaba, de algum modo, abrandando o efeito contrastante que o malandro costumeiramente promove entre si próprio e o restante da sociedade na qual está inserido, quando dá certo relevo a personagens coadjuvantes.

Tal contraste vimos detalhadamente no capítulo destinado à obra de Almeida, que lançou suas luzes no primeiro malandro da literatura brasileira, cuja origem fora imortalizada nas palavras de seu pai, Leonardo, após acertar o ainda garotinho com um poderoso chute nos glúteos, que o projetou a quatro braças de distância, após o menino rasgar seus documentos enquanto o pai atingia a socos a mãe, movido por

seu ciúme incontrolável: “*És filho de uma pisadela e de um beliscão, mereces que um pontapé te acabe a casta*” (ALMEIDA, 1963, p.19).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. de. **Memórias de um Sargento de Milícias.** Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

ANDRADE, Oswald de. **Memórias Sentimentais de João Miramar***. (Obras Completas).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ANDRADE, Mário de. **"Introdução" In: Memórias de um Sargento de Milícias**. São Paulo, Martins, 1941.

ANÔNIMO. **Lazarillo de Tormes**. Tradução de Marques Rebelo. São Paulo: Editora Ediouro, 1989.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Martin Claret: 1999.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1977.

BARBOSA, Lívia. **O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BARIANI, Edison. **A sociedade como ficção: romance e interpretação social no Brasil do século XIX.** Curitiba: Editora CRV, 2017.

BARTHES, R. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

BOSI, Alfredo (Org). **Cultura brasileira: temas e situações.** Rio de Janeiro: Ática, 1987.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOTOSO, Altamir. **A recriação do pícaro na literatura brasileira: o personagem malandro**. Letrônica, Porto Alegre v.4, n.1, p.135, jul./2011.

BUENO, André. **A Dialética e a malandragem**. Revista Letras. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Dialética da malandragem (Caracterização das *Memórias de um Sargento de Milícias*)**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 8. Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, 5ª edição.

COMPAGNON, A. **O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum**. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

EAGLETON. Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FEHÉR, Ferenc. **O romance está morrendo?** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo (da morte de Vargas aos dias atuais)**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No tempo do rei. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. **Saco de gatos: ensaios críticos.** São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976, p. 27-33.

GOLDONI, Rubia Prates. **Galvez, o Pícaro nos Trópicos.** Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo, FFLCH-USP, 1989.

GONZÁLEZ, Mario Miguel. **A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

GOTO, Roberto. **Malandragem revisitada: uma leitura ideológica da malandragem**. Campinas: Pontes, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras. Edição Comemorativa de 70 anos, 2006.

HYDE, Lewis. **A astúcia cria o mundo. Trickster: trapaça, mito e arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MATOS, Cláudia Neiva de. **Acertei na milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MEYER, Marlyse. **As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MILTON, Heloisa Costa. **A Picaresca Espanhola e 'Macunaíma' de Mário de Andrade**. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo, FFLCH-USP, 1986.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e Pioneiros. Paralelo Entre Duas Culturas.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1969

MORAES, Reinaldo. **Abacaxi**. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

MORAES, Reinaldo. **Tanto Faz**. São Paulo. Companhia das Letras, 2011.

MORAES, Reinaldo. Entrevista para o jornal literário **Rascunho**, da Gazeta do Povo. http://rascunho.gazetadopovo.com.br/reinaldo-moraes/ .

MORAIS JR, Padre Antônio d'Almeida. O êxodo da população rural brasileira, in: **Revista do Trabalho**, ano XIV, 1946.

PALMÉRIO, Mario. **Vila dos Confins**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1974.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo Local na Vida Política Brasileira**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSENTHAL, Erwin Theodor. A metamorfose do herói picaresco. In: ROSENTHAL, Erwin Theodor. **O universo fragmentário**. Tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Ed. Nacional/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p. 84-96.

SABINO, Fernando. **O Grande Mentecapto**. 44ª ed. Rio de Janeiro. Editora Record. 1995.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica.** Tradução de Paulo Perdigão. 15ª ed. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2007.

SCHELER, Max. **Da reviravolta dos valores**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.

SCHWARZ, R. Pressupostos, salvo engano, de "Dialética da Malandragem". In: **Que horas são?:ensaios**.São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARZ, R. **Ao Vencedor as Batatas – Forma Literária e Processo Social nos Inícios do Romance Brasileiro**. São Paulo: Livraria Duas Cidades / Editora 34, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Difel, 1982.

VELASCO, Domingos. **Direito Eleitoral.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1935.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. “O mito de Dom Quixote no Brasil e algumas reescriturascervantinas”. In: **Revista Araticum**, Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes, v.7, n.1, 2013. ISSN: 2179-6793, 2013.

WERNECK, Alexandre. **A Desculpa – As Circunstâncias e a Moral das Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.